

A TRADIÇÃO DIRETA DE *O SEMINARISTA* DE BERNARDO GUIMARÃES¹

Luana Batista de Souza (FFLCH-USP)
luana.souza@usp.br

1. Introdução

O romance *O seminarista* é uma das obras mais conhecidas do escritor mineiro Bernardo Guimarães, doravante BG. Foi publicado pela primeira vez em 1872, tratando-se de um texto de domínio público, de modo que sua edição não depende de autorização de herdeiros nem de pagamento de direitos autorais, podendo esta ser uma das razões pelas quais se verifica, desde a década de 1930, a circulação de dois textos diferentes da obra.

Ao fazer o estudo da tradição desta obra, percebemos que ela possui um campo bibliográfico diversificado, apresentando além da edição do romance como ele é conhecido, uma adaptação em histórias em quadrinhos, publicada em 1955 pela Ebal e a versão condensada do texto, publicada pela Rideel em 2000, que tem como público-alvo estudantes do ensino médio.

O primeiro passo na análise da tradição de um determinado texto consiste na recensão, o estudo das fontes, para isso é necessária sua localização e coleta. Ao coletarmos os testemunhos de *O Seminarista* a fim de estudar suas variantes, percebemos que era necessário, num primeiro momento, estudar mais a fundo estas fontes, uma vez que no período compreendido entre a publicação da edição príncipe (1872) e da primeira edição a veicular a redação curta (1931) há um intervalo de cinquenta e nove anos, no qual foram publicadas dez edições. Deste modo, apresentamos neste artigo um breve estudo a respeito da cronologia das edições de *O Seminarista* mostrando sua importância para a colação.

¹ Este trabalho integra a dissertação de mestrado “*O Seminarista*, de Bernardo Guimarães: colação de variantes”, a ser defendida em breve, sob a orientação do Prof. Dr. Sílvio de Almeida Toledo Neto, junto ao Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

2. *O Seminarista*

O Seminarista foi publicado em 1872, estima-se que em sua segunda metade devido às notícias sobre o romance publicadas em setembro e outubro daquele ano nos periódicos *Diário do Rio* e *O Mosquito*. É considerado por Antonio Candido (1971) e Sílvio Romero (1960), como uma das obras mais importantes de BG. Destaca-se, sobretudo, pela descrição das paisagens:

Quem leu *O Seminarista* não pode esquecer a várzea com o riacho, a ponte, a porteira de varas, as duas paineiras, os dois caminhos que levam à casa do Capitão Antunes e à da tia Umbelina, ao lado da figueira; não poderá sobretudo esquecer a utilização por assim dizer psicológica que o romancista deles faz, como cenário *qualitativo* dos amores de Eugênio e Margarida – transformando-os numa paisagem subjetiva, variável na consistência e densidade. (CANDIDO, 1971, p. 239)

O tema principal do romance é o celibato clerical, toda a ação desenrola-se em torno da paixão entre Eugênio, que foi estudar no seminário para ser padre, e Margarida, sua amiga de infância.

Foi um romance bastante lido em seu tempo, publicado duas vezes num intervalo de três anos, o que para os padrões da época era muito. Estas duas edições correspondem ao período em que BG estava vivo, todas as edições publicadas após 10 de março de 1884 são posteriores à sua morte.

A partir da análise de suas edições, foi possível observar que foram publicadas duas redações do romance, uma longa e outra curta, abordadas brevemente em Souza (2010). Há entre elas grandes diferenças com relação ao texto, tais como omissão, substituição e adição de palavras, omissão e reelaboração de trechos e parágrafos, de modo que se faz necessária uma edição crítica a fim de estabelecê-lo.

3. *O estudo das fontes*

Em primeiro lugar, o que nos chama a atenção é a (co)-existência de dois textos do romance, sendo um longo e outro curto, facilmente encontráveis em sebos, livrarias e na *internet*, sendo nesta a ocorrência mais frequente do texto curto em *sites* que veiculam obras de domínio público, como www.dominiopublico.gov.br. A redação longa é a da edição príncipe e das edições ulteriores até o iní-

cio do século XX, já a redação curta, pelo que é possível afirmar até o momento, foi publicada primeiramente pela editora Civilização Brasileira em 1931.

A edição de 1872 de B. L. Garnier disponível na Fundação Biblioteca Nacional foi definida *a priori* como texto base², por ser a *editio princeps* (edição príncipe), tendo em vista um dos princípios da Crítica Textual, a *lectio antiquior potior* (a lição mais antiga é preferível), que considera o fato de que um testemunho mais antigo, por teoricamente distanciar-se menos do arquétipo³ do que um testemunho recente, teria mais probabilidade de apresentar a variante genuína (CAMBRAIA, 2005, p. 151-152). Um pensamento que segue esta linha é o de Walter Wilson Greg (1950-1951, p. 29) no que diz respeito a textos impressos, para ele, a edição mais antiga é a que deveria ser eleita, uma vez que estaria mais próxima aos originais do autor.

Contemplando a data de publicação do romance e sua grande popularidade, atualmente é praticamente impossível numerar as edições disponíveis no mercado, visto que além de se tratar de um texto de domínio público, ou seja, que dispensa a autorização dos herdeiros para sua publicação, as editoras que o publicam, muitas vezes numeram as edições a partir de sua primeira e não a partir da edição príncipe. É este o caso das editoras Ática e Moderna. A primeira conta com vinte e oito edições, sendo que a mais recente data de 2000, já a última, de acordo com as informações disponibilizadas em seu site, a edição disponível para venda é a segunda, publicada em 2004, no entanto, é possível encontrar em bibliotecas e sebos, edições da Moderna publicadas pelo menos entre 1984 e 2006.

Ainda que o campo bibliográfico⁴ da obra seja relativamente extenso, apresentando não só o texto publicado pelo autor como é conhecido, mas também adaptações, como a editada pela Ebal

³Embora tenham sido publicadas duas edições enquanto BG estava vivo, optamos pela primeira edição como texto base por não haver entre ela e a segunda diferenças com relação ao texto. As diferenças que foram observadas referem-se às gralhas tipográficas.

⁴Exemplar conhecido ou hipotético de que se supõe terem derivado todas as espécies conhecidas. (FARIA & PERICÃO, 2008, p. 66)

⁵Grupo formado pelas edições existentes de um texto. (CASTRO & RAMOS, 1986, p. 112)

(1955) em formato de história em quadrinhos e a versão condensada do texto, cujo público-alvo é composto por estudantes, publicada pela Rideel (2000), não há ainda uma edição crítica que tenha como objetivo o estabelecimento do texto, daí a necessidade de elaborá-la a partir do cotejo de diversos testemunhos. Embora até o presente momento não se tenha notícia de testemunhos manuscritos, não podemos descartar o surgimento de um manuscrito autógrafa que norteará a direção das investigações.

Sobre o surgimento da redação curta, observamos que este não se sobrepôs ao da redação longa, uma vez que esta continuou a existir. O fato é que a redação curta acabou produzindo um novo ramo na tradição, mas que não impede que se retorne facilmente ao texto original a partir da redação longa. Deste modo, conforme dito anteriormente, este trabalho pretende mostrar a cronologia das edições desde a edição príncipe até a terceira edição a publicar a redação curta do romance em 1949⁵, para isso apresentamos abaixo o esquema ilustrativo das edições estudadas, divididas de acordo com a redação que contém, curta ou longa. A partir da observação do organograma (fig. 1- Organograma das edições), reforça-se muito a hipótese de a redação longa ser a do texto original.

É possível notar a partir do organograma que o número de edições em que o texto longo é publicado, é muito superior ao curto, no entanto, curiosamente a redação que mais circula hoje em nossas livrarias é a curta, talvez por uma questão de economia em termos de produção do livro. No entanto, é possível encontrá-la na estante de uma livraria ao lado do texto original.

⁵Optamos por restringir o levantamento dos testemunhos até a edição de 1949, primeiramente por ser esta, conforme supracitado, a terceira a veicular o texto mais curto, e também por notarmos que, a partir das décadas seguintes, foram muitas as editoras que publicaram este romance, desta maneira, partindo do princípio de *eliminatio codicum descriptorum* (eliminação de testemunhos descritos), eliminamos nesta primeira etapa todos os testemunhos subsequentes, uma vez que os modelos, edições A e B, ainda subsistem (CAMBRAIA, 2005, p. 146).

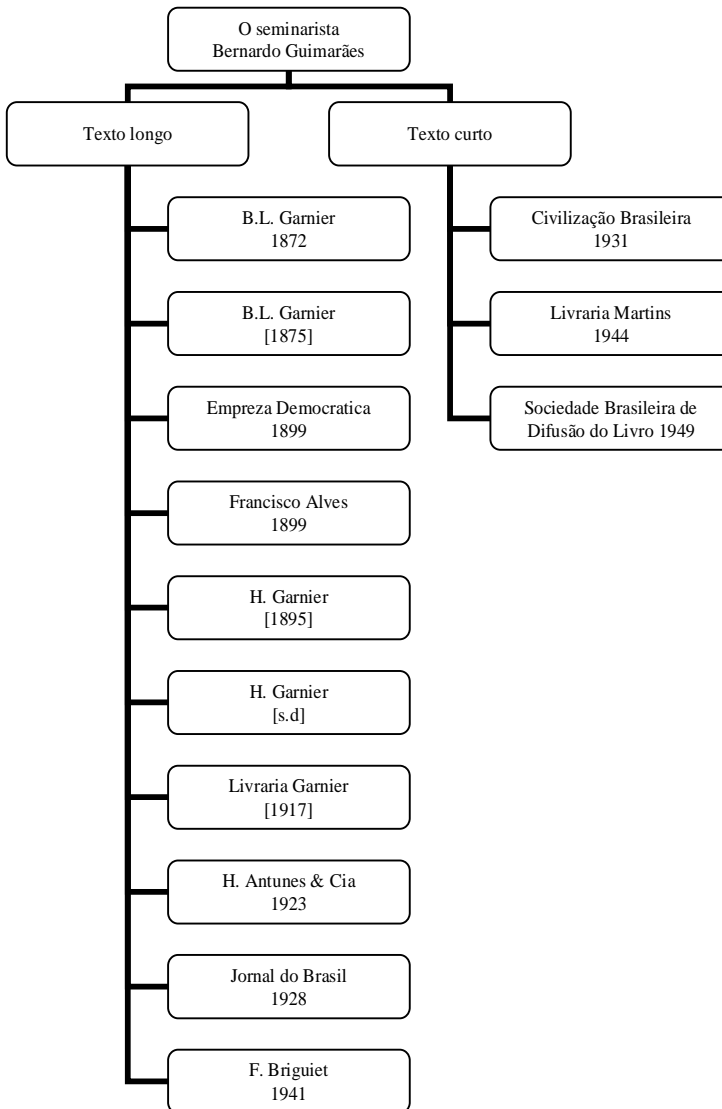


Fig-1 Organograma das edições

3.1. Cronologia das edições

Conforme ilustrado no organograma, entre a primeira edição (1872) e a última considerada em nosso *corpus* (1949) houve treze edições do romance, sendo de 1872 a 1928, todas, edições do texto longo, no entanto, em 1931, vem a lume a publicação da Civilização Brasileira com o texto curto. Em 1941, F. Briguiet, editora que comprou os direitos da Garnier, publica o texto da edição príncipe. Cinco anos depois, em 1944, a Livraria Martins publica o texto curto de Civilização Brasileira. O mesmo ocorre em 1949 com a Sociedade Brasileira de Difusão do Livro. É importante ressaltar que não há qualquer informação nas edições de 1931, 1944 ou 1949 que o texto tenha sido alterado.

No prefácio de M. Nogueira da Silva da edição de 1941 há uma listagem das dez primeiras edições da obra:

Veja-se este quadro editorial que é sobremodo elucidativo. A Livraria Garnier fez as primeiras quatro edições: 1872, 1875, 1888, 1897. A Empresa Democrática Editora, dá em 1899 a quinta edição. Garnier volta ao mercado com a sexta edição, em 1917. Seguem-se: H. Antunes & Cia, 1923; Editora Gráfica “Jornal do Brasil”, 8ª., 1928; e Civilização Brasileira Editora, 9ª. em 1931. Agora sai a 10ª. edição, realizada pelos Srs. F. Briguet & Cia. O SEMINARISTA entra como Vol. V, nas OBRAS COMPLETAS, de Bernardo Guimarães. (NOGUEIRA DA SILVA *apud* GUIMARÃES, 1941, p.8)

Esta listagem nos serviu de guia para a primeira parte do nosso trabalho: a localização e coleta das fontes, contudo, como é possível notar a partir do organograma, nem todos os testemunhos encontrados foram listados por F. Briguiet. É o caso da edição da Francisco Alves de 1899 e das edições da Garnier, que salvo três, não correspondem à lista de 1941, visto que o outro testemunho encontrado data de 1895 considerando os dados do colofão⁶. Há ainda uma edição não datada, publicada por H. Garnier, localizada em Belo Horizonte na biblioteca pública estadual Luís de Bessa. Trata-se de um

⁶Distico final de um livro que contém informações sobre o autor, o tipo de edição, o lugar e a data da publicação da obra. Diz-se também da informação fornecida pelos tipógrafos sobre o lugar e a data da impressão e que, regra geral, aparece no final da obra. O colofão funciona, portanto, como emblema de um editor, também conhecido por *imprint*, quando aparece na capa de um livro”. (CEIA, Carlos. (ed. e org.) *E-dicionário de termos literários*. Disponível em: <http://www2.fcsh.unl.pt/editl/verbetes/C/colofao.htm>. Acesso em: 20/10/2009).

testemunho mutilado, estão faltando as dez últimas páginas, que se referem aos três capítulos finais da obra. Estes foram inseridos em formato de cópia xerográfica, extraídos da edição de H. Antunes & Cia, publicada em 1923.

3.1.1. Garnier

No que diz respeito às edições da Garnier, o conhecimento da história desta editora se mostrou fundamental para o reconhecimento dos testemunhos, que excetuando o primeiro, não são datados.

A partir da observação das características das edições, percebemos que alguns dados são importantes para a datação dos testemunhos, a saber: endereço da livraria, local de impressão dos livros, nome da editora, número de páginas, erros tipográficos, colofão.

De acordo com Hallewell (2005), em 1844, Baptiste Louis Garnier, doravante B. L. Garnier, chega ao Rio de Janeiro e de 1846 a 1878 sua livraria localizava-se na Rua do Ouvidor 69 (depois renumerado 65). Após este ano, a livraria muda-se para o número 71 da mesma rua. Esta informação é importante para atribuírmos a data da segunda edição como anterior a 1878. A data que consideramos até o momento é de 1875, atribuída pelo bibliófilo Rubens Borba de Moraes (exemplar da Biblioteca José Mindlin).

Outra informação relevante é que até 1852, B. L. Garnier comercializou seus livros sob a denominação de “Garnier Irmãos”. No início da década de 1870, B. L. teve sua própria tipografia, a “Typographia Franco-Americana”, cujos equipamentos e funcionários eram franceses. Este é outro dado que corrobora para a datação atribuída por Moraes, visto que tanto a primeira edição, quanto a que ele datou, que é considerada a segunda, foram impressas por esta tipografia e ambas possuem 258 páginas. Embora Ernesto Senna (1910) afirme que a tipografia fora criada por volta de 1873, junto com Charles Berry, sabemos que a primeira edição de *O Seminarista* foi impressa em 1872, levando a crer que sua afirmação esteja incorreta.

Em 1 de outubro de 1893 morre B. L. Garnier, que deixa a firma para o irmão François-Hippolyte, que residia em Paris, de modo que a empresa volta a sua condição original de filial no Rio de Ja-

neiro da Garnier Frères. A livraria passa a ser chamar H. Garnier e os livros a serem impressos na França. Daí a existência de duas edições de H. Garnier que só podem ser posteriores a 1893, sendo uma sem data e outra atribuída ao ano de 1895, indício apontado pelos dois últimos algarismos do colofão.

No ano de 1910, o número 71 da Rua do Ouvidor é renumerado para 109. No ano seguinte morre Hippolyte, a partir deste ano, a livraria reedita diversos títulos em sua “Collecção dos Autores Célebres da Literatura Brasileira”. Faz parte desta coleção o último exemplar que coletamos da editora, que passa a se chamar Livraria Garnier após a morte do seu segundo dono. Esta edição a exemplo da anterior, também foi datada considerando os dados do colofão, e como podemos verificar em sua folha de rosto, os dados de endereço e imprensa correspondem à esta época.

Por fim, de [1934]⁷ a 1951 a editora comprada pelo assistente de B. L. Garnier, Ferdinand Briguiet, passou a usar o nome comercial “Livraria Briguiet-Garnier”.

Segundo Basílio de Magalhães, BG teria vendido a B. L. Garnier a primeira edição de algumas obras sem fixar o número de exemplares:

Exceptuados os dois últimos [*O bandido do rio das Mortes* e *A voz do pagé*], todos os demais desses trabalhos de Bernardo Guimarães saíram da Casa Garnier. (...) Sei, por informações da família de Bernardo Guimarães, que este somente vendeu á referida casa a primeira edição de algumas obras, parece que sem fixar o numero de exemplares; de outras, porém, alienou a propriedade plena. (MAGALHÃES, B. 1926, p.137)

As obras *O Seminarista* e *O Pão de Ouro* foram um dos casos de alienação da propriedade plena, conforme contrato de venda destas obras, salvaguardado pela Fundação Casa de Rui Barbosa, datado de 27/06/1872.

⁷Colocamos a data entre colchetes por tratar-se de uma inferência, visto que não sabemos o ano com exatidão.

3.1.2. *Francisco Alves e Empresa Democratica*

Francisco Alves publicava principalmente livros didáticos. A respeito de obras literárias, publicou *Canaã* de Graça Aranha em 1912, *Fruto do Mato* de Afrânio Peixoto em 1920. Sobre a publicação de *O Seminarista* em 1899, não há qualquer menção na literatura. No mesmo ano, a Empresa Democratica também publica o romance e curiosamente as edições parecem ser idênticas, pelo menos a capa, a folha de rosto, os tipos e o número de páginas o são, mudando apenas a imprenta. Na página de rosto da edição de Francisco Alves, há logo abaixo ao nome da editora, seu endereço no Rio de Janeiro e em São Paulo, informação que não existe na edição da Empresa Democratica. O mais curioso de tudo é que não há nos livros que tratam sobre a história das editoras no Brasil, qualquer relação entre estas duas empresas, o que é no mínimo estranho quando consideradas as semelhanças de suas edições da mesma obra.

Sobre a Empresa Democratica, a informação que se tem a seu respeito é que sua tipografia funcionou de 1896 a 1899. Dentre os livros publicados, podemos citar *O Guarani* de José de Alencar.

3.1.3. *H. Antunes e Cia.*

Nas palavras de Basílio de Magalhães, biógrafo de BG (1926, p. 136-137), esta editora publicou edições populares dos romances mais procurados de Bernardo: *A Escrava Isaura*, *O Seminarista* e *O Garimpeiro*. Estas edições, segundo ele, “caracterizam-se pela má qualidade do papel, pela revisão detestável e até por suas gravuras anachronicas” (MAGALHÃES, 1926, p. 138). O biógrafo ainda emenda dizendo não saber se estas impressões foram autorizadas pelos herdeiros do escritor ou ainda pela Livraria Garnier.

Como lemos este relato antes de consultar a edição de H. Antunes, chegamos a imaginar que era esta que veiculava a primeira edição da segunda redação do texto, no entanto, vimos que aparentemente, a opinião de Magalhães não se confirma, uma vez que a edição não parece apresentar os problemas apontados.

3.1.4. *Jornal do Brasil*

Em 1928, o *Jornal do Brasil* publica diversos romances, dentre eles *O Seminarista*, em seu suplemento literário, a fim de “vulgarizar os romances clássicos de nossa literatura”. Trata-se de uma edição, a primeira vista, fidedigna à príncipe.

3.1.5. *Civilização Brasileira*

Conforme já foi dito a respeito desta edição, não há qualquer informação no livro sobre seu texto não ser o mesmo da edição príncipe. Há na folha de rosto, apenas informações a respeito romance, indicando que se trata de uma história que remonta ao século XIX e que revela “o vigor descritivo do famoso romancista mineiro”. Como já afirmamos, o texto publicado por esta editora apresenta diferenças de conteúdo em relação aquele da edição príncipe e estas diferenças incidem em grande parte sobre o tal “vigor descritivo”, que devido às alterações feitas ao texto, deixa de ser uma característica marcante da obra.

3.1.6. *F. Briguiet*

Em 1893, Ferdinand Briguiet, um dos assistentes de B.L. Garnier, estabelece-se por conta própria no mercado de livros ao adquirir a livraria de Lachaud na Rua Nova do Ouvidor. A empresa especializou-se em livros importados, especialmente franceses, alemães e ingleses. Anos mais tarde, a Livraria Garnier foi vendida a Ferdinand que continuou a “Coleção dos Autores Célebres”, com a compra de todos os direitos autorais de valor. (HALLEWELL, 2005, p. 268). Acreditamos que seja este o caso de *O Seminarista*, que apesar de ser lançado dez anos após a edição da *Civilização Brasileira*, conserva o texto da primeira edição.

3.1.7. *Livraria Martins*

Esta editora publicou reedições de diversos autores do século XIX, como Matias Aires, José de Alencar, Manuel Antônio de Almeida, Castro Alves, Aluísio de Azevedo, Bernardo Guimarães, Joa-

quim Manoel de Macedo, Taunay e Franklin Távora, tendo, em muitos casos, comprado os direitos da Briguier (HALLEWELL, 2005, p. 512).

Em 1944, publica pela Coleção Excelsior Gigante, quatro obras de Bernardo num mesmo volume sob o título de *Quatro romances (O Ermitão de Muquém, O Seminarista, O Garimpeiro, O Índio Afonso)*. Assim como a edição de 1931, não há neste volume qualquer informação a respeito da edição que teria sido utilizada como base ou ainda sobre o seu conteúdo não ser integral.

3.1.8. *Sociedade Brasileira de Difusão do Livro*

Cinco anos após a edição da Martins, a Sociedade Brasileira de Difusão do Livro, que se tratava de uma espécie de clube de leitura que disponibilizava seis exemplares à escolha do seu assinante, publica o mesmo texto de 1944. Como podemos constatar a partir da leitura da orelha do livro, a Sociedade editava seus textos assegurando a sua excelência. Não há no exemplar qualquer informação a respeito da edição utilizada como base ou ainda sobre o conteúdo do texto, a exemplo das edições de 1931 e 1944.

4. *Considerações finais*

A partir do que foi exposto, vimos a importância do estudo das fontes para situar os testemunhos no tempo e também para compreender melhor a história do texto. Com a observação do organograma, fica clara a maneira como as edições estudadas estão divididas de acordo com o tamanho do texto publicado.

O estudo da cronologia das edições, especificamente no caso da Garnier se mostra fundamental para a identificação e possível datação dos testemunhos, dado à falta de informações nos exemplares. Com relação às outras editoras, este estudo é importante na tentativa de compreender seu processo de edição no final do século XIX e meados do século XX.

Um dado importante em relação às edições, que deve ser considerado, é que todos os livros de Bernardo Guimarães, incluindo *O*

Seminarista, foram publicados por B. L. Garnier, que comprou os direitos autorais do livro, prática pouco comum na época. Na década de 1930 a casa é vendida a um antigo assistente de Baptiste Louis Garnier, com todos os direitos autorais de valor (HALLEWELL, 2005, p. 268), o que poderia explicar por que em 1941, dez anos após a edição da *Civilização Brasileira*, não foi publicado o texto desta. Contudo, estranhamente a Livraria Martins publica, três anos depois, o mesmo texto da *Civilização Brasileira*, embora se tenha notícia de que F. Brigueit tenha vendido algumas obras para Martins. Na hipótese de que este seja o caso do nosso romance, como explicar a edição de texto curto?

A respeito da redação curta do romance, podemos levantar algumas hipóteses: o texto não é de autoria de BG, visto que sua publicação ocorre cinquenta e nove anos depois da primeira edição, além disso, foram publicadas apenas duas edições quando o autor estava vivo, a primeira em 1872 e a segunda provavelmente em 1875, ambas publicadas por B. L. Garnier e ambas com o mesmo texto. Pode se tratar então de um caso de alteração feita pela própria casa editorial, que teria como objetivo final o “enxugamento” do texto, visando uma economia na produção do livro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAMBRAIA, César Nardelli. *Introdução à crítica textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

CANDIDO, Antonio. Bernardo Guimarães, poeta da natureza. In _____. *Formação da literatura brasileira*. 2º vol. (1836-1880). 4. ed. São Paulo: Martins, 1971.

CEIA, Carlos. (ed. e org.). *E-dicionário de termos literários*. Disponível em: <http://www2.fcsh.unl.pt/edtl>>. Acesso em: 15 set. 2009.

Domínio público. Biblioteca digital desenvolvida em software livre. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/PesquisaObraForm.jsp>>. Acesso em: 07/08/2009.

FARIA, Maria Isabel Ribeiro de & PERICÃO, Maria da Graça. *Dicionário do livro: da escrita ao livro eletrônico*. São Paulo: EDUSP, 2008.

GUIMARÃES, Bernardo. *O seminarista*. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, 1872.

_____. _____. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, [1875].

_____. _____. Rio de Janeiro: Paris: H. Garnier, s.d.

_____. _____. Rio de Janeiro: Paris: H. Garnier, [1895].

_____. _____. Rio de Janeiro: Empresa Democrática, 1899.

_____. _____. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1899.

_____. _____. Rio de Janeiro: H. Garnier, [1917].

_____. _____. Rio de Janeiro: H. Antunes & Cia, 1923.

_____. _____. Rio de Janeiro: Jornal do Brasil, 1928.

_____. _____. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1931

_____. _____. Rio de Janeiro: F. Brigueit & Cia., 1941.

_____. _____. *Quatro romances: O ermitão ee Muquém; O Seminarista; O garimpeiro; O índio Afonso*. São Paulo: Martins, 1944.

_____. _____. *Quatro romances: O ermitão de Muquém; O seminarista; O garimpeiro; O índio Afonso*. São Paulo: Sociedade Brasileira de Difusão do Livro, 1949.

_____. _____. Ebal, 1955. (Álbum gigante, 5)

_____. _____. (texto condensado por Celso Leopoldo Pagnan). São Paulo: Rideel, 2000.

HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil: sua história*. 2. ed. rev. e ampl. São Paulo: Edusp, 2005, p. 268.

ROMERO, Silvio. *História da literatura brasileira*. 3. ed. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1943.

SENNÁ, Ernesto. História da Livraria Garnier. In: *Almanaque brasileiro Garnier*, 1910, p. 106-113.

SOUZA, Luana Batista de. Os dois textos de “O Seminarista” de Bernardo Guimarães. *Soletras*, Ano X, Nº 19, jan./jun.2010. São Gonçalo: UERJ, 2010 – Suplemento, p. 167-178. Disponível em: http://www.filologia.org.br/ecdotica/resumos/os_dois_textos_de_o_s_eminarista_de_LUANA.pdf. Acesso em: 31/03/2010.